

# O Papel da Imagem no Imaginário Pós-Moderno<sup>1</sup>

Adriana Maria Steffen Holmer<sup>2</sup>

Professora da FACCAT/RS

## Resumo

A profusão de imagens que caracteriza a pós-modernidade, sobretudo publicitárias, é o reflexo desse momento de mudança pelo qual o mundo está passando. Compreendê-las significa decifrar, - ou pelo menos é uma tentativa - os modelos de construção e percepção de signos visuais, sobretudo daqueles produzidos através da mediação técnica. O objetivo desse artigo é abordar aspectos relacionados à recepção da imagem e a sua função, na contemporaneidade, tanto como elemento de "religação" (Michel Maffesoli), como de alienação (Vilém Flusser).

Palavras-chave: Fotografia. Imaginário. Publicidade. Pós-modernidade.

## Abstract

The profusion of images (especially the ones from publicity) which features the post-modernity, is the reflection of this moment of changes through which the world is passing by. To understand them, means to decipher - or at least it is a try to do it - the models of construction and perception of visual signs, especially the ones produced through the technical mediation. The objective of this article is to approach some aspects related to reception of image and its function in the contemporaneousness, as an element of "re-ligation" (Michel Maffesoli) as well as an element of alienation (Vilém Flusser).

*Keywords:* Photography. Imaginary. Publicity. Post-modernity.

## Introdução

A fotografia é a base de todas as imagens geradas tecnicamente. Etimologicamente, fotografar significa escrever com luz. Apesar de ter uma linguagem própria, os indivíduos não são ensinados a interpretá-la, como o são em relação a linguagem escrita. Por trás da aparente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP20 - Fotografia: Comunicação e Cultura, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Adriana Maria Steffen Holmer é mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS e exerce suas atividades nas Faculdades de Taquara – FACCAT, onde leciona as disciplinas de Introdução à Fotografia e Fotografia Publicitária.

simplicidade da imagem existe um conteúdo simbólico, repleto de significações, a comunicar-se diretamente com o imaginário do receptor. O objetivo desse artigo é refletir sobre o papel das imagens na contemporaneidade, tanto como elemento de “religação” quanto de alienação, à luz dos estudos sociológicos de Michel Maffesoli (1995, 1999, 2003) e segundo o pensamento de Vilém Flusser (1998).

O homem encontra-se saturado de informações, segundo Baudrillard (1981) e, dentre estas, as imagens, são as que mais povoam o cotidiano. Essa profusão de imagens que caracteriza a pós-modernidade é, para Maffesoli (1995), o reflexo desse momento de mudança pelo qual o mundo está passando. Muito tempo contida, pelo pensamento racionalista da modernidade, a imagem explode em todas as suas formas.

Para Flusser (1998) as imagens não são apenas mediações entre o homem e o mundo. Elas apresentam-se como biombos. Se interpõem entre o homem e o mundo. Ao filtrar a relação do homem com o mundo essas imagens passam a ser a própria realidade. Como o homem não sabe interpretá-las, passa a viver o imaginário construído por essas imagens.

## **1 As Imagens Técnicas**

A imagem fotográfica, considera Flusser (1998), é o mais simples e ao mesmo tempo o mais transparente modelo de imagem técnica, ou seja, de qualquer imagem produzida programaticamente, através da mediação de aparelhos. Em consequência, sua reflexão se aplica facilmente a qualquer espécie de imagem produzida através da mediação técnica, inclusive às imagens digitais. A fotografia, como todas as imagens técnicas, não representam o mundo, mas conceitos relativos ao mundo e são, segundo o autor, resultado da imaginação, uma capacidade de fazer e decifrar imagens. Para decifrar esses conceitos abstraídos em imagens é necessário deixar o olhar vagar pela superfície da imagem, é o tempo do eterno retorno, tempo dos mitos para o autor, que coloca ainda:

O carácter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. As imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens eternalizem eventos;

elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialéctica interna da imagem, própria de todas as mediações e que nelas se manifesta de forma incomparável. (FLUSSER, 1998, p.28)<sup>3</sup>

As imagens tem por função mediar a relação do homem com o mundo, serem mapas do mundo, mas, ao fazê-lo, interpõem-se, tornando-se biombos. Assim, ao invés de representarem o mundo, de torná-lo acessível ao homem, de serem instrumentos colocados ao seu serviço, ou seja, de orientá-lo no mundo, as imagens produzem sua alienação, conquanto o homem não é capaz de decifrá-las e de reconstruir as dimensões abstraídas na sua criação. Segundo Flusser (1998, p. 29):

O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver o mundo em função de imagens. Cessa de decifrar as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como um conjunto de cenas. Esta inversão da função das imagens é a idolatria. Para o idólatra - o homem que vive magicamente -, a realidade reflecte imagens. Podemos observar hoje, de que forma se processa a magicização da vida: as imagens técnicas, actualmente omnipresentes, ilustram a inversão da função imagética e remagicizam a vida.

O homem tende a projetar a "magia" das imagens sobre o mundo. A sociedade contemporânea vive, cada vez mais, em função dessa magia iconográfica. O indivíduo conhece lugares, vivencia situações, valoriza atitudes e age em função de tais imagens. Flusser (1998) indaga sobre a natureza dessa magia com a qual o homem tem se defrontado nessa contemporaneidade.

Por realçarem fragmentos da vida, algumas vezes reais, mas, na maioria, ilusórios, as imagens, como recortes de uma cena, destacam-se do todo e cristalizam-se num espaço-tempo fugaz, condensando, no "instante eterno" de sua duração e no espaço plano de sua projecção, um mundo de símbolos, sensações, sentimentos. Interpõem-se, assim, entre o homem e o mundo, transformando-se em biombos, quando passamos a vivenciar esses "recortes" como se fossem o todo, o mundo em sua totalidade. Tornam-se biombos por vivenciarmos essas imagens como mais reais que o próprio real, por serem "concentrados" de magia e beleza, por

---

<sup>3</sup> Tradução portuguesa

refletirem nossos anseios mais profundos e por nos afastarem do real<sup>4</sup>, onde a magia não reina.

Maffesoli (1995) também aborda esse caráter mágico das imagens, mas o identifica como um vetor de comunhão e não alienação. Para esse autor, a imagem atua primordialmente mais desenvolvendo o sentir coletivo do que transmitindo uma mensagem. Ela não diz o que deveria ser, mas o que é ou poderia ser, favorecendo assim o lado ficcional. Opondo-se, dessa forma, ao racionalismo da modernidade, ela desenvolve uma lógica e racionalidade própria através da percepção.

Edgar Morin (1983, p. 149) explica que “a magia deixou de ser uma crença tomada ao pé da letra para se tornar um sentimento.” O homem vive a magia das imagens, principalmente as do cinema, como se fossem reais, na ânsia de participar do espetáculo. Assim, através do complexo de projeção-identificação com os personagens/modelos, o indivíduo transfere e realiza seus anseios e sonhos no outro. Ele deixou de ver as imagens, é apenas capaz de senti-las.

Se a modernidade trocou o pensamento mágico pelas ciências naturais e pela razão, Maffesoli (1995) entende que ocorre, neste momento, a vingança das imagens. A *socialidade*<sup>5</sup> pós-moderna é transfigurada pelas imagens em todos os domínios, não há nenhum aspecto da vida social que não esteja contaminado pela imagem. Em suas reflexões o autor não se atém a análise do conteúdo dessas imagens, prende-se à sua função enquanto forma apenas. Mas, ressalta que o mundo das imagens é uma “estrutura labiríntica” ainda não devidamente interpretada intelectualmente. Um universo “muito ignorado, depreciado ou marginalizado pelos pensadores, ao menos pelos que defendem um ponto de vista estritamente racionalista” (MAFFESOLI, 2003, p. 36).

As imagens são aparentemente tão naturais, não-simbólicas e objetivas que são vistas como janelas para o mundo. A sua credibilidade faz com que o receptor dificilmente critique sua construção enquanto imagem, apenas enquanto visão do mundo. Na história cultural da humanidade, houve, na visão de Flusser (1998), duas grandes revoluções. A primeira foi a

---

<sup>4</sup> Entende-se como o “real”, na presente pesquisa, as manifestações vivenciadas no corpo social.

<sup>5</sup> *Socialidade*, termo cunhado por Maffesoli (1998) para definir esses novos grupamentos urbanos, baseados nas relações banais do cotidiano, no *presenteísmo*, no hedonismo e no sentir coletivo, das sociedades ocidentais contemporâneas.

invenção da escrita afastando o homem do mundo concreto quando buscava aproximá-lo pois, os textos não significam o mundo, mas imagens dele. O autor (FLUSSER, 1998, p. 30) explica que “decifrar textos é descobrir as imagens significadas pelos conceitos. A função dos textos é explicar imagens, a dos conceitos é analisar cenas. Noutros termos: a escrita é o metacódigo da imagem”.

A segunda revolução cultural foi a invenção da fotografia, denominada por ele de imagem técnica por ser intermediada por um equipamento. Essas imagens são símbolos extremamente abstratos, pois codificam textos em imagens, buscam explicar o mundo conceitual. Ao olhar uma imagem, o receptor não enxerga o mundo, mas conceitos relativos ao mundo. Ela está carregada de tanta força de verdade que se torna real.

É a volta ao tempo da magia. Não da magia oriunda dos mitos, ressalta Flusser (1998), mas da magia do programa que objetiva alterar os conceitos do homem em relação ao mundo. O objetivo das imagens técnicas era trazer novamente as imagens para a vida cotidiana e deviam ser, segundo o autor,

[...] simultaneamente, conhecimento (verdade), vivência (beleza) e modelo de comportamento (bondade). Na realidade, porém, a revolução das imagens técnicas tomou um rumo diferente: não tornam visível o conhecimento científico, mas falseiam-no; não reintroduzem as imagens tradicionais, mas substituem-nas; não tornam visível a magia subliminar, mas substituem-na por outra. Neste sentido, as imagens técnicas passam a ser "falsas", "feias" e "ruins"; além de não terem sido capazes de reunificar a cultura, mas apenas de fundir a sociedade numa massa amorfa. (FLUSSER, 1998, p.38)

A proliferação imagética demonstra uma predisposição para um comportamento mágico. O receptor, na contemporaneidade, não precisa ler o artigo do jornal ou ir ao local do acontecimento para estar informado sobre o mundo, a imagem supre essa necessidade. Sob a influência e o fascínio mágico da fotografia, o receptor tem na imagem técnica a própria realidade, pois ele já está programado para ver magicamente. Na visão de Flusser (1998, p. 77), “o vector de significação inverteu-se: o símbolo é o real e o significado é o pretexto. O universo dos símbolos (entre os quais o universo fotográfico é dos mais importantes) é o universo mágico da realidade”.

Já para Michel Maffesoli (1995) o principal papel da imagem na pós-modernidade é a “religação” que produz. Esse partilhar comum, muitas vezes não-lógico, em torno de uma imagem, gera vínculos e permite o reconhecimento de si a partir do conhecimento do outro. O autor argumenta que a imagem reforça o laço social e emocional, agregando em torno de si a comunidade. É uma espécie de retorno ao tempo dos pequenos grupos unidos em torno de suas imagens sagradas. Do visível, do imanente, surge o transcendente como um “reencantamento do mundo”.

## **2 O Impacto das Tecnologias do Imaginário**

Com o surgimento da fotografia iniciou-se uma nova era na cultura humana baseada na produção, distribuição e consumo de informação de forma automatizada, alterando os processos de percepção individual e os sistemas sociais vigentes. Mas, é somente após o aparecimento das imagens eletrônicas e digitais que o impacto no pensamento e comportamento humano tornaram-se perceptíveis.

Nesta sociedade, mediada pelas imagens técnicas, os indivíduos seguem as tendências que aparecem nas imagens, principalmente da mídia, desde as viagens turísticas, as leituras do momento, aos gestos e aos mais íntimos desejos e sentimentos. Flusser ressalta essa inversão de valores com que nos defrontamos na atualidade, colocando que:

Está no universo fotográfico implica viver, conhecer, valorar e agir em função de fotografias. Isto é: existir num mundo mosaico. Vivenciar passa a ser recombinar constantemente experiências vividas através de imagens. Conhecer passa a ser elaborar colagens fotográficas para se ter uma "visão de mundo". Valorar passa a ser escolher determinadas fotografias como modelos de comportamento, recusando outras. Agir passa a ser comportar-se de acordo com a escolha. Esta forma de existência, todo o conhecimento, todo o valor, toda a acção consiste em bits definíveis. Trata-se de uma existência robotizada, cuja liberdade de opinião, de escolha e de acção se torna observável, confrontada com os robots mais aperfeiçoados. (FLUSSER, 1998, p.86)

Em decorrência da capacidade da publicidade de gerar novos modelos de conduta, Michel Maffesoli (1995) a considera, sob alguns aspectos, a mitologia do momento. Segundo

o autor,

É conveniente, pois, um modo de análise que permita pensar o real a partir do irreal. O meio figurativo pode fornecer, para isso, uma ajuda fecunda. A figura permite fazer sentido e dar sentido, não enquanto finalidade distante ou alvo a ser atingido, mas enquanto o que eu comunico ou o que eu partilho com outros. "A figura é o que vos olha, o que me olha". Esta fórmula, de Gilbert Durand, resume bem meu ponto de vista, a figura é particular, e ela induz, por isso mesmo, um entusiasmo específico, entusiasmo estático, ou uma intensidade emocional que vai agir em profundidade na vida social. É um tal entusiasmo que foi a origem das revoluções dos tempos passados, sendo bem-possível que também seja a origem da dolorosa gestação, que vivemos, da socialidade que está por vir.(MAFFESOLI, 1995, p.141)

Na contemporaneidade, em função do nível de complexidade atingido na codificação de conceitos científicos em imagens, algumas vezes é difícil distinguirmos entre uma imagem produzida por uma câmara fotográfica analógica e outra sintetizada com os recursos da informática. São questões dessa natureza que norteiam discussões a respeito da criação e da liberdade numa sociedade mediada pela tecnologia. André Lemos, em artigo publicado no livro *Para navegar no século XXI* (MARTINS, 2000, p. 232) coloca que,

As novas formas de criação de imagens são, de agora em diante, um meio mais eficaz de tomar o mundo e de fazê-lo funcionar sobre a forma de um modelo (o simulacro) concebido sob a forma numérica. O mundo torna-se, com as imagens de síntese, um simulacro fabricado a partir de informações binárias, transformadas e traduzidas por computadores. Com as imagens digitais, o referencial desaparece pela simulação matemática. O que importa agora é o novo status do sujeito, do objeto e da natureza.

Flusser (1998) alerta que a função dos aparelhos é programarem magicamente a sociedade para que ela se comporte de maneira a propiciar o constante aperfeiçoamento dos aparelhos. A automaticidade dos próprios aparelhos leva à superação das intenções humanas. Chegamos ao ponto onde nenhum homem, na visão de Flusser (1998, p.88) “pode controlar o jogo. E quem nele participar, longe de o controlar, será por ele controlado. A autonomia dos aparelhos levou à inversão da sua relação com os homens. Estes, sem exceção, funcionam em função dos aparelhos”.

No mundo virtual, não é mais a realidade da natureza que é representada pelas imagens, mas o modelo de uma realidade, desenvolvido numericamente, que é simulado em

imagem. Para André Lemos, em Martins (2000, p. 234)

A imagem digital constitui-se então como um "modelo-imaginário-matemático", e não mais como uma representação da natureza. O digital vai modelar a natureza, permitindo a simulação, ou o modelo em processo. A relação entre o sujeito e o objeto não tem mais uma "origem". Não existe mais, necessariamente, um objeto real na origem da imagem, nem uma relação casual entre o objeto e a imagem. Tudo pode ser assim digitalizado, perdendo a referência ou o enraizamento ao mundo "natural".

“Apontar o caminho da liberdade” é, segundo Flusser (1998, p.96), “a única revolução ainda possível”. A liberdade da sociedade está condicionada à capacidade de penetração nos meandros dos processos técnicos e na forma de percepção do mundo, através da compreensão dos processos de interação entre o imaginário e as imagens técnicas.

### **3 O Imaginário**

A compreensão do imaginário é de fundamental importância para o processo de desvelamento da recepção imagística e do comportamento mágico dos indivíduos perante as imagens técnicas. Silva (2003, p.7) ressalta que “o concreto é empurrado, impulsionado e catalisado por forças imaginais. (...) o ser humano é movido pelos imaginários que engendra. O homem só existe no imaginário”.

O imaginário pode ser descrito como a faculdade de simbolização donde provêm todos os medos, anseios e percepções culturais do homem. Todos estamos sujeitos a um imaginário pré-existente, sempre compreendido como algo mais amplo do que apenas um conjunto de imagens. O imaginário também não é a cultura, apesar de conter elementos culturais do organismo social ao qual está vinculado. Nós o encontramos na intermediação entre o simbólico e o sujeito.

[...] é o além multiforme e multidimensional de nossas vidas, e no qual se banham igualmente nossas vidas [...]. É a estrutura antagonista e complementar daquilo que chamamos real, e sem a qual, sem dúvida, não haveria o real para o homem, ou antes, não haveria realidade humana (MORIN, 2002, p. 80).

Nessa mesma linha, Maffesoli (1995, p. 80) salienta que “o imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma idéia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional”. É uma vibração não visível, mas perceptível, uma construção mental que une um grupo, uma comunidade ou um país através de laços racionais, culturais e, principalmente, afetivos e espirituais. O imaginário, ao se comunicar simbolicamente e atuar emocionalmente, se constitui numa força que ultrapassa os domínios da razão e gera vínculos de identificação entre um grupo.

O imaginário é a matriz criadora na qual o conceito e o pensamento racional teriam nascido. Durand (2001, p. 41) ressalta também, o papel do imaginário colocando que todo pensamento humano passa por processos simbólicos, “por conseqüência, o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana”. Salienta ainda, o fato de que esses sistemas de simbolização são apreendidos e, essa aprendizagem pode variar de acordo com o meio socio-cultural. São nos fluxos e refluxos do imaginário que ocorre o processo de elaboração e decodificação das imagens.

O resultado do deciframento de uma imagem é sempre uma síntese entre duas "intencionalidades": a do emissor e a do receptor. Não existe uma interpretação-padrão pois cada receptor reage de uma maneira diferente frente à mesma imagem. O olhar uma imagem não é neutro, e nem poderia ser. O sujeito ao olhar uma imagem faz uso do seu repertório cultural próprio, ativa as conexões do seu imaginário. Segundo Durand (2001) a realidade humana não é constituída de fatos, e sim de percepções: a razão, a linguagem - lógica e conceitual - a ciência, a arte, a religião e os sentimentos são, por isso, dimensões imaginárias. Em verdade, nossa realidade é muito mais “imaginária”, pois vivemos o cotidiano em função das projeções e identificações que fazemos, das representações, das diversas máscaras que compõem a *persona* que somos. É o encontro entre as pulsões subjetivas do indivíduo, como nos explica o autor, e as intimações objetivas provenientes do meio natural e social.

### **Considerações Finais**

Na concepção de Flusser (1998), a relação entre o mundo e as imagens técnicas podem ser entendidas como sendo uma relação causal, onde estas seriam, sob certo aspecto, o

derradeiro efeito da complexa presença destas no mundo. Ele entende que imagem e mundo encontram-se no mesmo nível do real. Depreende-se então, a importância de desvelarmos os significados subjacentes presentes nas imagens por transportarem os conceitos norteadores de nossas vidas na contemporaneidade.

A alienação produzida pelas imagens, na visão de Flusser (1998), em decorrência da incapacidade do receptor em decifrá-las, não está completamente dissociada da função de "relição", imputada por Maffesoli (1995). Essa incapacidade não impede sua função agregativa. Na verdade, é o seu fascínio, seu caráter mágico, o elo de ligação entre os indivíduos. Em suas reflexões, Maffesoli (1999) preocupa-se em enfatizar a função da imagem enquanto forma, ao invés de discutir o conteúdo de suas mensagens. Essa função de "relição", provavelmente está associada ao caráter mítico, de veracidade e credibilidade, inerente às imagens, gerando esse modelo de comportamento onde as pessoas se relacionam magicamente com a imagem.

Em função desse caráter mágico (lúdico, onírico, simbólico), a imagem comunica-se diretamente com o imaginário, com o repertório cultural e individual de cada receptor, pois é pensamento indireto. Não passando pelo filtro da razão, lógica da modernidade, tem sua força na emoção, na capacidade de unir pelo sentimento, estilo deste momento pós-moderno. Já o processo de interpretação das imagens é mais complexo, exigindo uma elaboração intelectual consciente para desvelar os significados dos conceitos que as geraram.

Para ambos os autores, vivemos o retorno ao tempo da magia das imagens. O comportamento mágico frente às imagens, enquanto favorece uma "relição" entre os grupos, gera também uma alienação, programando o comportamento do homem. Essa programação, decorrência da incapacidade do receptor de decifrar os conceitos embutidos nas cenas, de interpretar o conteúdo simbólico da imagem, leva o indivíduo a viver o imaginário construído pelas imagens. Maffesoli (1999, p. 150) enfatiza esse aspecto ao dizer que “o homem é menos criador de imagens, que forjado por elas”.

A pregnância da imagem é reforçada pela participação estética que ela engendra. A vida não tem essa magia. Durand (1997, p. 398) salienta que “nunca o cubo percebido será tão espontaneamente cubo como o cubo imaginário”, jamais terá a perfeição e essa imediata intensidade de participação, que toda a imagem produz no imaginário.

Mas, Flusser (1998) levanta um ponto importante: faz-se fundamental decifrar os conceitos inseridos nas imagens para haver liberdade de ação dentro de um universo dominado pela tecnologia. Se o homem desconhecer o funcionamento dos programas geradores das imagens técnicas (da fotografia à informática) e os conceitos embutidos nas imagens por eles produzidas, não as olhando como símbolos complexos que são, mas, apenas, como simples mapas ou janelas do mundo, isso não será possível.

Pensar o real a partir do irreal é a proposta de Maffesoli (1995) para o desenvolvimento de uma análise dessa nova temporalidade. Nos períodos cíclicos de alteração da ordem social estabelecida e de transmutação de valores, é necessário buscar-se a compreensão dos processos envolvidos. Compreender essa pregnância da imagem no imaginário coletivo pode conduzir a uma visão desta nova *socialidade*. Para os autores, há uma revolução a se desenrolar.

### **Referências bibliográficas**

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O imaginário**: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia**: para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O instante eterno**. São Paulo: Zouk, 2003.

MARTINS, Francisco Menezes; SILVA Juremir Machado (Orgs.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina, Edipucrs, 2000.

MORIN, Edgar. A Alma do Cinema. In: XAVIER, Ismail (org). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.p 145 –172.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massa no século XX**. Rio de Janeiro: Forense, 2002. (O Espírito do Tempo, v. 1).

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.